

Projeto de Educação Para Igualdade de Gêneros

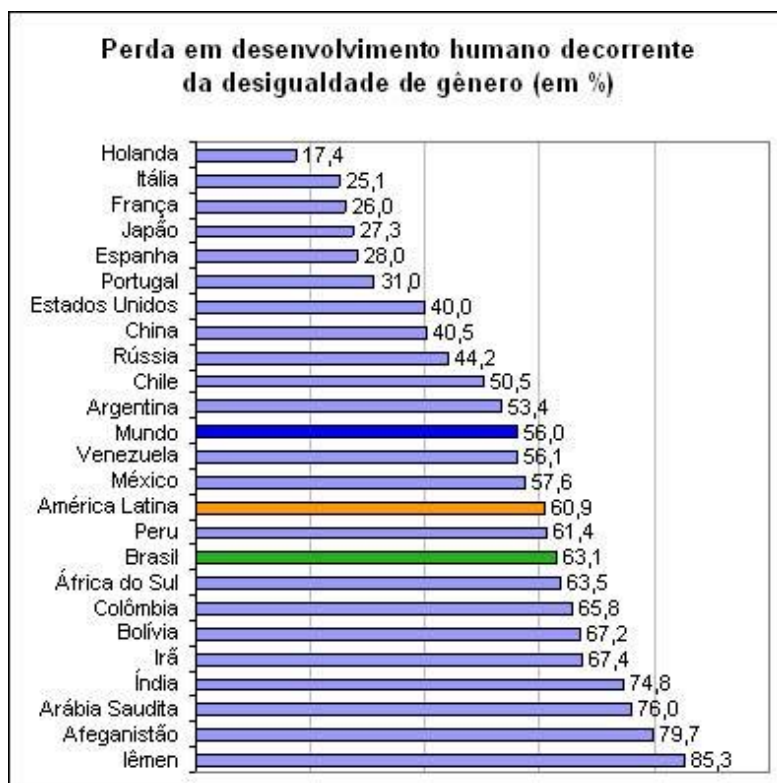
No Brasil quando se fala em política para mulheres logo pensamos em violência doméstica, violência sexual, aborto, e falta de médico ginecologista ou psiquiatra.

Dar assistência à mulher que foi vítima de violência é necessário e o trabalho deve continuar e melhorar, isso é inquestionável.

Mas focar somente na violência é “esconder o sol com a peneira”. A violência é a última gota, é o topo do Everest. Existe uma montanha inteira construída antes de se chegar ao topo.

É necessário desconstruir estereótipos e mudar a mentalidade de homens e mulheres. A educação das crianças precisa ser menos limitadora e estereotipada para ambos os gêneros. Talvez isso seja muito difícil de mudar num adulto teimoso, mas se a educação das crianças mudar, essas mudanças se tornam mais viáveis.

Porque o **IDG** (Índice de Desigualdade de Gênero) no Brasil é tão ruim? Nossa mentalidade está tão atrasada em relação a igualdade de gênero que ficamos atrás de China, Rússia, México, Argentina e até Peru e Venezuela! E um baixo IDG está diretamente ligado a um baixo **IDH** (Índice de Desenvolvimento Humano), conforme mostra o quadro a seguir.



“...as brasileiras são as mulheres que mais sofrem com isso no mundo todo, com 34% de variação entre as remunerações de ambos os gêneros” (segundo um estudo publicado pela confederação internacional dos sindicatos icftu, bruxelas, 4 mar - efe).

E porque faríamos isso?

As meninas são culturalmente levadas a escolher profissões com menor remuneração. Além disso, são menos contratadas, menos promovidas e conseqüentemente tem menor salario. Isso aumenta muito as chances de uma mulher se ver presa a um homem para que possa se sustentar. Se esse homem for bom pra ela, talvez ainda não seja um problema, mas ele pode ser um namorado abusivo, um marido infiel, um pai opressor, entre tantas outras possibilidades.

Pesquisas realizadas sobre a condição das mulheres brasileiras realizados pela **CEDAW** - *Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres*, entidade da **ONU** focada em igualdade de gêneros e empoderamento (autonomia) das mulheres, e mais recentemente pela **UN WOMEN**, demonstram que a situação da mulher no Brasil é crítica e há uma grande prevalência dos estereótipos de gêneros induzindo e fazendo com que a mulher permaneça em papéis de subordinação. Isso significa que se nós não fizermos nada, isso não tende a mudar tão cedo.

Segundo a ONU, são necessárias medidas drásticas e urgentes na nossa educação, nas leis e na mídia, para que possamos começar a caminhar em direção a igualdade.

Faltam modelos para nos espelharmos.

Nosso jeito latino de construir nossas famílias, onde o trabalho doméstico é total responsabilidade das mulheres, sejam ricas, comandando empregados, ou pobres, fazendo o trabalho elas mesmas, é um grande problema.

Por causa disso, muitas mulheres dedicam menos horas do dia a trabalhos remunerados, produzem menos porque estão exaustas e conseqüentemente são menos promovidas.

Além disso, existe a admitida diferença salarial sem base na diferença da produtividade, mas isso é outro assunto.

A pergunta é como fazer para que a mulher disponha do mesmo tempo para trabalhos remunerados que o homem?

Diversos países já comprovaram: empoderar a mulher faz bem para a economia geral de um país. Quando 100% da população (e não 50%) pode contribuir com igualdade, intelectualmente e criativamente, todos ganham. A economia cresce, o país se desenvolve e os gêneros deixam de se sobrecarregar, pois o homem também é sobrecarregado quando assume o pesado fardo de ser o principal responsável pela renda familiar e muitas vezes até carrega isso totalmente sozinho.

A ONU conclui que o Brasil deve programar medidas para acelerar as mudanças dessas atitudes e práticas que prendem AMBOS OS GÊNEROS a papéis estereotipados e as mulheres a papéis subordinados.

Essas medidas devem incluir campanhas de sensibilização e campanhas educativas direcionadas a homens e mulheres, meninas e meninos, pais, professores, funcionários públicos, em conformidade com as obrigações previstas nos artigos 2 (f) e 5 (a), da *Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres - CEDAW*.

Os meios de comunicação devem discutir e promover o não estereótipo e imagens positivas de mulheres e promover o valor da igualdade dos gêneros. Isso pode ser bastante complexo e trabalhoso, mas há algumas medidas capazes de diminuir radicalmente o problema em questão.

**CONHEÇA A PARTIR DE AGORA CINCO DELAS.
ALGUMAS PREVENTIVAS, OUTRAS PALIATIVAS.**

1. Atuar ativamente na desconstrução de estereótipos na educação de crianças e adolescentes brasileiros.

Nada melhor do que mexer na raiz do problema. Medidas paliativas são úteis para acelerar a resolução de emergências. Mas para que os gêneros possam contribuir igualmente com suas ideias e força de trabalho é necessário conscientizar famílias, professores e educadores em geral. A mente do adulto já foi educada, mas a mente das crianças e adolescentes ainda pode ser formada de uma maneira totalmente diferente se dermos chances para que isso aconteça.

É na educação que se concentra toda a solução para a igualdade na oportunidade dos gêneros.

A solução esta na conscientização de todos os educadores.

O sexismo ensinado desde a infância para as crianças é o que eleva o tempo perdido da mulher em atividades diferentes a trabalhos remunerados. Seja ao dar uma importância exagerada à aparência ou se dedicando a trabalhos domésticos. Ele também faz com que ela cresça achando que possui gostos limitados e apenas algumas poucas habilidades e competências, restringindo o leque de opções de carreiras e hobbies que ela poderia seguir.

Muitas famosas diferenças entre meninos e meninas se originam na educação que recebem. Cabe a nós diminuirmos as diferenças entre as duas educações para que possamos produzir **IGUALDADE DE OPORTUNIDADES**, já que de **nada adianta oferecer uma oportunidade se a mentalidade do indivíduo já foi moldada para rejeitá-la.**

É necessário alterar a mentalidade da função da mulher e do que ela é capaz de fazer. É necessário valorizar e exibir mulheres de sucesso em papéis não estereotipados (mulheres históricas ou atuais, brasileiras ou não) para que as novas gerações tenham em quem se espelhar.

O Brasil é carente de exemplos femininos relevantes. É comum notarmos a admiração que as meninas nutrem por mulheres famosas que se destacam principalmente por passar horas na academia ou no salão de beleza. Muitas delas são dadas como burras, mas mesmo assim são admiradas e copiadas pelas meninas.

Se notarmos o teor das entrevistas que elas são obrigadas a responder, normalmente o foco é como ela faz para ter um corpo tão bonito? O que ela passa no cabelo? Entre outros assuntos fúteis. No máximo se estendem até ao “universo feminino” perguntando como conciliam trabalho e vida doméstica? “Coisas de mulher”, nada relacionado aos seus estudos, a sua técnica aprimorada de trabalho, a sua luta contra os estereótipos, ou sobre como ela é obrigada a fazer inúmeros tratamentos de beleza para se manter na profissão...

CONHEÇA ABAIXO ALGUNS ESTUDOS SOBRE O SEXISMO EXISTENTE NAS ESCOLAS E LOGO APÓS AS MUDANÇAS PROPOSTAS PARA IMPLEMENTAÇÃO NAS ESCOLAS DE TODO O PAÍS.

As pesquisas focam em matemática (realizada por uma francesa) e educação física (realizada por uma brasileira), já que são as duas matérias que mais se aproximam da questão do estereotipo por englobar força física e inteligência intelectual.

A pergunta que deve ser feita é: **Você conhece os verdadeiros limites do seu corpo e da sua mente ou acredita naqueles limites manipulados pela sociedade que teimam em afirmar que a mulher não é boa nisso ou naquilo, fazendo com que milhões de mulheres acreditem e cresçam limitadas.**

Pesquisa 1 - Na Educação Física

Em pesquisa realizada pelo Boletim EF (que conquistou o reconhecimento oficial ao receber o Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social em cerimônia realizada no Palácio do Planalto), constata-se o sexismo existente nas aulas de educação física.

Como foi realizada a pesquisa:

O objetivo do estudo foi investigar a manifestação e/ou reprodução dos estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física e nas atividades lúdicas e motoras, em crianças de 2ª e 3ª séries do Ensino Fundamental do Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC – Seropédica, RJ.

A investigação se desenvolveu através de uma pesquisa qualitativa de observação participativa, tendo como eixo condutor a abordagem etnográfica, através do acompanhamento das aulas, interpretação dos desenhos elaborados pelas crianças, entrevistas, filmagem, fotos e aplicação do Teste de Estereótipos de Gênero nas Atividades Motoras – TEGAM - com as crianças e professoras.

O estudo procurou levantar informações relevantes da cultura do grupo, buscando entender os diversos eventos que se instalam ou transformam as condutas sociais.

Resultados:

- O universo da escola é dividido.
- As crianças percebem as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física como separadas por gênero, apesar de mistas.
- Meninas e meninos ocupam espaços diferentes para a prática das atividades lúdicas, poucos meninos brincam juntos com as meninas, e estas brincam menos ainda com eles, pois permanece no espaço recreativo a ideia do campo de futebol como universo sagrado masculino.

Nos EUA por exemplo futebol é considerado “coisa de homem e de mulher”. Uma confirmação de que a maioria dos cercos impostos às mulheres são apenas imaginários.

Através da aplicação do TEGAM (Teste de Estereótipos de Gênero nas Atividades Motoras), as meninas apontaram os seguintes estereótipos masculinos: machismo, agressividade, vergonha e vigor físico; e os femininos: a falta de habilidade feminina, feminilidade e infantilidade.

*Já fica aqui a constatação do próprio preconceito que as meninas tem sobre elas mesmas: a **FALTA DE HABILIDADE** citada é uma crença altamente limitadora que foi moldada na cabeça das meninas durante a sua fase de formação. Isto nos mostra que é preciso mudar a educação que damos às meninas. Estamos limitando as meninas ao “universo feminino”, fazendo-as acreditar que não possuem habilidades e que não nasceram para essas atividades mas sim para “coisas mais femininas”.*

Já a infantilidade relatada, deve-se ao fato das meninas serem mais manhosas que os meninos, fato que se origina na educação com excessos de cuidados e consolo. Neste campo, é muito fácil notar as diferenças de tratamento dos pais na criação dos diferentes sexos. Por exemplo: quando uma menina se machuca logo fazemos carinho, colocamos ela no colo, a deixamos chorar e conversamos com ela usando palavras, frases e expressões que incentivam o lado manhoso, ou até vinculando sua auto estima a sua beleza: porque uma menina tão bonita esta chorando? Minha princesa! Mas quando um menino se machuca, dizemos que ele é forte e incentivamos seu lado corajoso, não dando muito espaço pra ele chorar. Essas diferenças fazem com que, ao atingir a idade de 3 anos as diferenças entre os sexos já sejam muito grandes e piores quando atingem 5 anos!

Já os meninos apontaram os seguintes estereótipos femininos: a falta de habilidade feminina, a feminilidade, a vaidade e a infantilidade; e os estereótipos masculinos apontados pelos meninos: machismo, vigor físico, agressividade;

Quer dizer, se nem as meninas acreditam em si mesmas não podemos culpar os meninos por não acreditarem também.

O vigor físico, característica apontada como sendo de posse masculina é distorcida e super valorizada. As meninas confundem a maior força masculina com habilidade ou inaptidão, no caso de menos força física.

Elas se subestimam e eliminam muitas opções de seus caminhos.

Todos entendemos a diferença entre violência física e a verbal. Há também a diferença entre a limitação física e a “mental” (coloco entre aspas porque limitação mental pode ser entendida como a de alguém que sofre de síndrome de down por ex.). O “mental” a que me refiro é a mentalidade pré-moldada. O que se faz acreditar não ser apto ou capaz de realizar algo.

Os estereótipos apontados pelas professoras, que dificultam a participação dos meninos em algumas brincadeiras e jogos foram: machismo e vergonha; e para a participação de meninas em determinadas atividades foram: feminilidade e vaidade.

Através de 47 desenhos foi possível observar que há separação por sexo nas atividades lúdicas e motoras das crianças do CAIC, fato que pôde ser distinguido nitidamente através de três grupos de desenhos:

Grupo A (22 desenhos), que apresenta a separação entre os sexos no que se refere aos espaços de ocupação por cada sexo e às atividades motoras diferenciados para meninos e meninas;

Grupo B (9 desenhos), que aponta para uma interação entre os sexos, porém sugerindo confronto, e, em alguns desenhos, apontando para a superioridade masculina;

Grupo C (16 desenhos), que mostra a participação de meninos e meninas brincando juntos.

Finalmente, pôde-se verificar que a escola perpetua e reforça os comportamentos considerados adequados para meninos e meninas, oriundos da educação familiar, fato que contribui para que as crianças sejam **DESENCORAJADAS A PRATICAR AS ATIVIDADES CORPORAIS CONSIDERADAS NÃO ADEQUADAS AO SEU SEXO**. A escola, mais do que a reprodução dos padrões baseados nos papéis sexuais, parece implementar uma educação dos corpos com base no gênero.

Após constatado que a educação nas escolas aumenta o sexismo, (que se inicia, na maioria das vezes, na educação que recebemos em casa) devemos levar em consideração todas as questões citadas aqui para a implementação de medidas que eliminem os estereótipos da crença das crianças. Já que essas crenças limitam o caminho das meninas, conservando-as em atividades consideradas femininas. Os meninos também sofrem pequenas limitações, mas eles são muito mais estimulados e livres para desenvolverem diversas atividades que as meninas.

Referências:

O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras. PEREIRA, Sissi Aparecida Martins. 2004. 182 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

Prof. Efrain Maciel e Silva
Editor do site BoletimEF

Boletim Brasileiro de Educação Física - ISSN 1806-2245
CEP: 70919-970 - Caixa Postal: 4351 - Brasília, DF
Tel: (61) 8407-7784 ou 3307-2048 ramal 260
<http://www.boletimef.org/>

Na Matemática

PROJETO EDUCACIONAL PARA A IGUALDADE ENTRE OS GÊNEROS

Conheça nas próximas linhas um projeto desenvolvido pela Dra. Nicole Mosconi (com pouquíssimas complementações pessoais em azul), para implementação nas escolas de todo o país, de modo a complementar o processo educativo envolvendo a escola e os professores.

Nicole Mosconi

- Formada na faculdade de Sèvres;
- Formada e bacharelada em filosofia;
- Doutorada em ciências da educação (1986);
- Habilitada a dirigir pesquisas em ciência da educação (1992);
- Professora de ciências da educação em Paris na universidade de Nanterre.

Por Nicole Mosconi

O texto a seguir é uma tradução da apresentação feita por Nicole Mosconi durante a PREMA2/workshop sobre mulheres e a matemática, em 17 de Outubro de 2008, em Paris, no Henri Poincaré Institute.

PESQUISAS EM DIVERSOS PAÍSES DO MUNDO DEMONSTRAM QUE OS PROFESSORES NÃO EDUCAM OS GÊNEROS COM IGUALDADE

Acreditamos por muito tempo que a escola era um lugar protegido contra preconceito de gêneros e discriminações que existem na sociedade. Juntar meninas e meninos na mesma escola não é suficiente para criar igualdade entre eles, porque nós vivemos numa sociedade onde mecanismos complexos constantemente reproduzem diferenças sociais entre os gêneros, e esses mecanismos não param na porta da escola.

A igualdade na escola não será alcançada facilmente, precisa ser construída. É necessário educar as crianças para a igualdade, mas educar as crianças significa começar a educar os professores.

A - Como treinar os professores para a igualdade?

B - Como treinar os professores para educar os gêneros para a igualdade em matemática?

A - COMO TREINAR OS PROFESSORES PARA A IGUALDADE?

Os professores normalmente se dividem em dois tipos:

1. Os que acham que a igualdade já existe na escola.
2. Os que acham que mesmo que não exista, eles não podem fazer nada a respeito porque as razões principais tem a ver com a sociedade, família, mídia, etc.

Eles estão certos, esses fatores de fato são uma parte do problema, mas os professores contribuem muito para isto.

TODAS AS PESQUISAS BASEADAS EM OBSERVAÇÕES DENTRO DA SALA DE AULA DEMONSTRAM QUE OS PROFESSORES NÃO EDUCAM COM IGUALDADE.

Não estou dizendo que tratem meninos diferente de meninas; Estou dizendo que tratam com desigualdade.

Pesquisas mostram que os professores agem de maneira diferente com respeito às meninas e meninos:

- Eles tendem a interagir mais com meninos que com as meninas. (2/3 com meninos e 1/3 com meninas);
- Eles perguntam mais para os meninos, especialmente para aqueles com mais notoriedade;
- Fornecem mais explicações de natureza cognitiva a eles;
- Fazem perguntas mais complexas;
- Dão mais atenção as suas intervenções espontâneas;
- Tendem a dar mais tempo a eles para responder e mais tempo para corrigir seus erros.

Enquanto que solicitam, às boas alunas, a lembrarem um conhecimento anteriormente já explicado e aos bons alunos a construírem novos conhecimentos. Formando meninas peritas em transmissão das tradições e meninos em inovadores na cultura da classe. Eles tratam meninas e meninos com “dois pesos e duas medidas”.

No que diz respeito aos resultados escolares, eles tendem a achar que os bons resultados de uma menina estão relacionados ao seu esforço pessoal e os bons resultados de um menino estão relacionados às suas capacidades.

E que as meninas fazem o que podem e que elas não têm habilidades além do que mostram.

Quando os meninos são julgados, os professores tendem a acreditar que eles podem se sair melhor, que eles possuem outras habilidades, além daquelas que mostram no seu trabalho. **A CONCLUSÃO É QUE ELES TÊM EXPECTATIVAS DIFERENTES EM RELAÇÃO AOS GÊNEROS. E ISSO É AINDA MAIS FORTE QUANDO O ASSUNTO É MATEMÁTICA.**

Podemos concluir que isso faz com que meninas e meninos “aprendam” coisas diferentes dentro da sala de aula.

Podemos concluir que os meninos aprendem a se expressar e a se auto afirmar, para disputar autoridade com os adultos e para adquirir confiança neles próprios. Enquanto que as meninas aprendem a como se autolimitar nos seus relacionamentos com os adultos, como participar menos e “ter menos lugar”, fisicamente e intelectualmente.

As meninas aprendem a ter um papel secundário, expressando menos suas opiniões, sendo menos apreciadas pelos adultos e se submetendo às autoridades. Sofrem sem protestar a predominância de alguns garotos, não acreditam nelas mesmas e reprimem suas habilidades.

Em outras palavras, **elas aprendem posições sociais desiguais de acordo com os gêneros. O grande problema é que este fenômeno ocorre de uma maneira inconsciente.**

É o que os sociólogos chamam de “currículo escondido”: as coisas que aprendemos na escola (conhecimento, habilidades, papéis, valores, representações) sem nunca ter aparecido no programa oficial da instituição (Forquin, 1985) e sem ninguém pretender ensinar isso.

Sócio-psicólogos falam sobre “cognição implícita social” para se referir a representações e princípios que são automaticamente ativados pela forte caracterização do gênero estereotipado.

Vamos chamar de representações as diferentes imagens observadas pelos nossos olhos (a imagem de uma mulher, de um homem, de uma criança ou de um idoso, por exemplo). Os julgamentos, as interpretações e as condutas são

alterados de acordo com essas representações. Isto quer dizer que agimos diferentemente e automaticamente a cada uma delas. O que não paramos para pensar é que este pré-conceito pode prejudicar ou privilegiar o futuro de cada criança. Isto ocorre com todos nós, e ninguém está a salvo disso por ser professor e estar dentro da escola.

Então, conseqüentemente, como educar professores?

Eu devo iniciar falando sobre elementos que não são específicos a professores de matemática, mas que são essenciais, em minha opinião. Devo considerar elementos mais específicos. Levando em conta que eles lidam com práticas relacionadas ao conhecimento de senso comum, que estão profundamente arraigados em cada um de nós e que induz representações, julgamentos e comportamentos involuntários. Uma simples instrução teórica, como uma palestra, por exemplo, é ineficaz.

A tendência de uma palestra é contradizer conceitos e revelar contradições e inconsistências entre as práticas dos professores e seus ideais de igualdade. E isso irá alimentar a ilusão de que a igualdade entre os gêneros existe. Portanto, **fortes resistências são encontradas no caminho** e é provável que essas palestras deixem intactos seus comportamentos e suas convicções já profundamente arraigadas.

A explicação deste fenômeno tende a ameaçar o subordinado narcisista (os professores), não só de um ponto de vista profissional, mas também no que diz respeito a suas identidades pessoais. Revelar os mecanismos que reforçam a construção das desigualdades entre os sexos no dia-a-dia do professor significa que tenham que se situar neste processo, ao lado dos dominantes ou dos dominados. E nenhum dos casos é confortável ou facilmente aceito.

Também não aconselhamos iniciar o processo com conhecimento teórico. Isto será necessário mais adiante.

Primeiramente, é necessário fazer com que os professores comecem a trabalhar no conhecimento de senso comum no que diz respeito ao feminino e ao masculino, às mulheres e aos homens (“currículo escondido”, “cognição implícita social”, representações, etc).

Cendrine Marro, Françoise Vouillot e eu (Nicole Mosconi) usamos um método baseado em situações concretas de discussão de grupo. Segue abaixo.

O MÉTODO

1. Objetivo: fazer os jovens perceberem como sua percepção repousa num círculo vicioso sexista.

Usamos situações dos papéis denominados feminino e masculino. Por exemplo: praticar esportes e tomar conta de criança, a mesma situação é proposta a grupos diferentes e indicamos o nome do personagem principal sendo uma mulher em um grupo e um homem no outro.

2. Objetivo: desconstruir e alterar o entendimento de senso comum que repousa num círculo vicioso entre o gênero biológico, gênero psicológico, papéis sociais de cada gênero, características psicológicas e tarefas:

Podemos usar a mesma situação, atribuindo o mesmo caso a uma garota e a um garoto. Cada grupo deve criar um conselho a ser dado ao personagem principal e uma discussão torna possível para cada grupo argumentar e expor o conselho. Então pontos divergentes são expressos. Através de trocas, podem elevar a consciência sobre a complexidade e o caráter arbitrário de uma diferenciação de tarefas e comportamentos baseada no sexo.

3. Proporcionar tempo suficiente e pessoalmente

Para conseguirmos bons resultados, duas condições são de suma importância: tudo deve ser feito pessoalmente; Deve ser proporcionado tempo suficiente para que o trabalho em grupo se desenvolva em profundidade e as tarefas possam ser concluídas e explicadas pelos professores. Sugerimos uma aula para a prática dessas atividades.

4. Auto observação

Se dissermos aos professores que eles estão tratando meninas e meninos em desigualdade, eles não vão acreditar, eles acreditam, de boa fé, no oposto.

Experiências mostram que para conseguir um bom resultado com os professores (Marro Cendrine, Vouillot Françoise, 2004, Quelques concepts clefs pour penser et former à l'amixité. Carrefours de l'éducation, 17, 3-21) não existe outra solução, se não a auto observação. Podemos fazer isso através da análise de uma gravação em vídeo da aula. Ou através da observação mútua de grupos de dois ou três, cada um indo assistir a aula do outro.

A situação em grupo permitirá mudanças mais férteis, produtivas e seguras.

Então, depois de notar o fato, sobrará refletir, com o objetivo de mudar o comportamento espontâneo e automático.

5. Relatório

Relatórios podem ser usados como recurso complementar. Isto pode ser outra maneira de criar e tentar transformar a prática do professor.

6. Objetivo: mostrar teoricamente que os estereótipos produzem desigualdades.

Mostrar que existe uma forte relação entre meninos, prestígio e rentabilidade devido ao percurso proposto na escola.

A teoria será necessária para distinguirmos os gêneros, seus estereótipos sexuais e suas consequências múltiplas, das quais podemos destacar: a prática desigual dos professores, o sexismo, as consequências sociais e físicas do fenômeno da dominação masculina, a divisão sexo-social do trabalho e do conhecimento e a orientação diferenciada de garotas e garotos que resulta em percursos escolares diferentes.

B - COMO TREINAR OS PROFESSORES PARA EDUCAR MENINAS E MENINOS PARA A IGUALDADE EM MATEMÁTICA?

Embora na adolescência eles apresentem resultados idênticos, as meninas tendem a acreditar que não tem o dom para matemática e, conseqüentemente, sentem-se menos qualificadas que os meninos, como o efeito de Pygmaléon (quando a satisfação vem de algo que é esperado de nós). Já que os professores acham que as meninas tem menos capacidades, ou demonstram menos interesse, elas respondem as essas expectativas acreditando e sendo convencidas de que tem menos interesse e menos habilidade para matemática. Para que tenhamos igualdade, é necessário tratar meninas e meninos de uma maneira igual.

Além disso, qualquer psicólogo concordará que é natural do ser humano gostar de atividades em que se saia bem e tire notas altas e dizer que não gosta de atividades em que tira notas baixas. Se os professores estimulam os meninos mais que as meninas, é claro que eles terão maiores chances de se sair bem e tirar notas mais altas. O papel do professor se eleva a de um mestre, que sabe como estimular uma criança ou adolescente a acreditar em suas habilidades.

O MÉTODO

1. Fazer perguntas de maneira alternada entre meninas e meninos.

Talvez isso coopere para passar a mensagem de que uns não são mais importantes que os outros na matemática e que esperamos tanto de uns quanto de outros. De um modo específico, os professores devem solicitar a um menino que aponte uma informação já conhecida e dar a oportunidade para que uma menina construa uma informação. [Tomando cuidado para não inverter o problema. Tudo deve ser igualmente dividido.](#)

2. Os professores também podem achar outras modalidades

Trabalho em grupo, grupos misturados, para que todos tenham uma função, de modo que se evite a predominância masculina nas expressões públicas. E é claro, nunca dividir grupos meninas contra meninos.

3. Evitar as imposições vindas dos meninos.

Por exemplo: se um menino resolver interromper uma menina que esta respondendo a uma questão, os professores não devem deixar acontecer, devem intervir mostrando aos alunos o significado implícito desta interrupção. *Se eles nada fizerem, passam a impressão de que consentem com a interrupção e que o que ela diz é menos importante do que o que ele diz.*

4. Não permitir piadas sexistas.

Os professores devem interferir quando um menino fizer uma piada sexista, ao invés de fingir que não ouviu, o que significa que eles autorizam o comportamento. Piadas racistas não são toleradas. Como as sexistas são tão comuns? É necessário ensinar os professores a promoção de uma educação baseada em respeito mútuo entre os dois gêneros. E isto também é o papel dos professores.

5. Eliminar o estereótipo de gênero no campo do conhecimento e profissões.

Os meninos aprendem que devem gostar de exatas e meninas aprendem que têm que gostar de literatura, línguas, artes e matérias mais abstratas. Este é o efeito dos estereótipos dos sexos.

Na França os matemáticos têm um prestígio que os identifica como “masculinos”.

Esses estereótipos exercem efeito na representação dos jovens: as meninas acreditam que, se elas não se saírem bem em matemática, é porque elas não têm o dom, enquanto que os meninos pensam que é falta de dedicação ou que o professor era ruim. As meninas também tendem a pensar que os meninos que são bons em matemática conseguem isso sem esforço algum, que eles resolvem problemas e exercícios na primeira tentativa e se elas têm que se esforçar por mais tempo é sinal da falta de dom.

Se os professores (e orientadores) forem questionados, eles dirão que tudo isso é absurdo mas, entretanto, eles sempre esperam mais sucesso de um menino no campo das exatas.

Se quisermos desconstruir esses estereótipos é preciso fazer com que os alunos se expressem a respeito desses conceitos, discutam e evoluam. Já as garotas vão se envolver mais se os professores tiverem uma atitude de maior igualdade e aplicá-las em seus alunos, clareando suas mentes.

6. Mostrar claramente que não existem “carreiras femininas ou masculinas”.

Os professores devem mostrar as diferentes carreiras onde a matemática é necessária (ou útil), desconstruindo estereótipos sobre as carreiras, desafiando

a associação extremamente resistente entre meninos e carreiras de exatas e meninas e carreiras consideradas femininas.

7. Aproveitar o sexismo contido em livros e manuais para ensinar aos alunos o que é sexismo.

Muitos livros didáticos e de idiomas são sexistas. É necessário estar atento quanto a isso. Os teoremas não tem gênero, mas a formulação de problemas talvez tenham visões sexistas. Livros de línguas estrangeiras normalmente são sexistas. Como não podemos desaparecer com esses livros, devemos aproveitá-los para ensinar aos jovens a respeito do sexismo e a respeito de comportamentos coletivos que perpetuam e legitimam a dominação do homem sobre a mulher, que resulta, por exemplo, nesses papéis implícitos nos livros de idiomas, onde o homem sempre é retratado como presidente e a mulher como secretária.

8. Fazer uma pesquisa histórica mostrando a existência das mulheres na matemática.

Convidar uma profissional bem sucedida na área para dar uma palestra para a classe. Ou dar exemplos de mulheres bem sucedidas nesta área (mesmo que seja de outro país). Talvez isso também faça com que as meninas se sintam menos inferiores.

9. Reconhecer as muitas mulheres ao redor do mundo que tiveram carreiras de destaque em profissões consideradas masculinas.

A falta de exemplos de mulheres em profissões consideradas masculinas reforça a ideia de que essas profissões não servem para as meninas.

Inconscientemente elas se espelham no que tem acesso. Acabam associando a posição da mulher muito mais a uma dançarina bonita do que a uma piloto de aviões (existem muitas no EUA), uma CEO de um grupo de investimentos, uma engenheira brilhante, grandes executivas, economistas, integrantes da aeronáutica ou marinha, empresárias, políticas, cientistas, médicas, ativistas, etc.

FACIL ACESSO A EXEMPLOS FEMININOS NÃO ESTEREOTIPADOS

Sabemos que a história proclamou como gênio e herói muitos homens e pouquíssimas mulheres, o que faz com que o estudante brasileiro pense que as mulheres não conseguem ser boas ou tão brilhantes quanto os homens. Digo brasileiros porque existem nações que lidam com o problema de uma maneira bem consciente e positiva.

Para começar não vou citar atividades consideradas masculinas, como engenharia ou corretor da bolsa de valores. Vamos começar pelas artes (uma atividade considerada feminina) e falar de pintores históricos, que é uma área dominada pelos homens. Principalmente em seu reconhecimento. Todos conhecem Picasso, mas quantos conhecem Sofonisba Anguissola?

Há muitas pintoras históricas aclamadas pelo mundo afora. Elas sofreram preconceito, foram menos incentivadas, menos aceitas, tiveram menos fama, mas mesmo assim venceram essas barreiras e foram brilhantes.

Elas não estão em nossos livros, mas estão nos livros e nos museus de outros países desenvolvidos por exemplo. Lá elas são numerosas. Não passam a impressão de serem exceção a regra da superioridade masculina. Não são exemplos escassos como Chiquinha Gonzaga, Anita Garibaldi, Clarice Lispector e Cecília Meireles, por exemplo. E isso precisa mudar. As meninas brasileiras precisam internalizar esses inúmeros exemplos históricos e atuais que já existem pelo mundo afora.

Imagine meninos e meninas estudando heroínas (sejam brasileiras ou não) nas escolas. Acabaria de vez a imaginação da superioridade masculina.

Já que o Brasil, por razões culturais, tem uma quantidade bem reduzida de registros de heroínas históricas, deveríamos sim estudar as poucas brasileiras que se tem registro e também todas as outras mulheres de países europeus ou americanas.

Na Wikipédia em português, por exemplo, se clicarmos no nome de Sofonisba Anguissola o que veremos é um resumo de três linhas, enquanto que em inglês são páginas e páginas sobre o assunto.

- **Nos Estados Unidos os jovens estudam na escola a história do feminismo e de grandes mulheres** para que possam conhecer as heroínas de nossa história e se espelhar nelas;

- Para entender a força que as mulheres tiveram para lutar pelo que queriam, mesmo com tanta repressão e se inspirar nelas;

- Para que as mulheres de hoje em dia deem muito mais valor pela liberdade que possuem agora e não joguem fora parando de trabalhar após casar-se e/ou virando escravas do espelho;

- Para incentivá-las a não cometer os mesmos erros do passado.

10. É necessário mostrar que mesmo em campos abstratos e “femininos” como as artes, por exemplo, não se estuda grandes pintoras da história.

Do mesmo jeito que estudamos Picasso, Matisse porque não estudamos Sofonisba Anguissola, Beatriz Galindo, Clara Peeters entre tantas outras ignoradas do currículo escolar dando a falsa impressão de que a genialidade pertence ao gênero masculino?

Ao visitarmos os grandes museus do mundo fica claro a exclusão feminina. A proporção de artistas masculinos é incrivelmente maior do que as femininas. E porque elas não são citadas?

Sabendo que na história as mulheres sempre foram desconsideradas, os americanos fizeram um museu dedicado apenas as mulheres. Listam e vangloriam cada personagem feminino de sua história. Em todas as áreas citam importantes contribuições femininas, inclusive nas áreas menos estereotipadas.

Alguns museus da Europa fornecem explicações sobre o assunto, com visitas guiadas sobre a quase ausência de artistas femininas. No Canadá ensina-se uma total diferente história dos egípcios, dizendo tratar-se de uma cultura onde havia igualdade social. Isso mostra uma outra visão concluída através de provas históricas. E no Brasil o que fazemos para conscientizar e fornecer modelos femininos que fizeram a diferença? Como estimulamos as mulheres, a não ser pela vaidade?

2. Diminuir drasticamente ou eliminar totalmente os impostos de toda a indústria alimentícia que se enquadre em comidas saudáveis e nutricionalmente balanceadas. E estimular a abertura de restaurantes com essas características em bairros residenciais.

Justificativa: com a existência de comidas nutricionalmente balanceadas a preços acessíveis, eliminam-se vários estágios do trabalho doméstico realizados pela grande maioria das mulheres brasileiras. Equalizando o tempo livre dos gêneros para se dedicar a trabalhos remunerados. Para cada mulher esta medida significará a eliminação do planejamento nutricional da família, transporte e compra dos produtos, manipulação, limpeza e execução de toda a alimentação familiar. Além disso, com essa medida, também ajudaremos toda a população brasileira a comer melhor, já que muitas pessoas sofrem por não terem tempo para preparar alimentos nutritivos, por simplesmente não saberem escolher alimentos magros, balanceados e com alto valor nutritivo resultando em uma saúde precária.

É necessário que haja uma oferta de alimentos que se possa dar tanto para um adulto normal, como também para uma criança de 3 anos ou um idoso doente que necessita de alimentos saudáveis e naturais, feitos com higiene, sem produtos químicos maléficos a saúde.

Exemplo: Quem vai aos EUA sabe que a oferta de restaurantes no país é incrivelmente superior ao brasileiro. Se pensarmos em NY então a diferença vira astronômica. Os preços são muito mais acessíveis, tornando possível que se alimente em restaurantes todos os dias.

Muitos bairros residenciais de São Paulo ainda não contam com oferta de alimentação satisfatória e quando encontramos descobrimos que se trata de frituras, massas e pães.

Se por um lado diminuirmos a arrecadação de impostos, por outro o Brasil só tem a ganhar e a crescer com mais de 50% da população aumentando sua força de trabalho. Mais horas trabalhando, mais qualidade e dedicação, mais resultados positivos.

3. Lei da licença-maternidade: três meses para a mulher, três meses para o homem

Conversando com muitos setores de RH descobrimos dois grandes problemas:

1 - Os RHs das empresas preferem contratar homens devido aos encargos gerados pela licença-maternidade.

Para as empresas somos todos números. Do mesmo jeito que falamos em estado laico onde não admitimos misturar religião com outros assuntos, não podemos exigir que o ambiente corporativo seja um ambiente de caridade.

Acredito que existam sim muitas leis e medidas para favorecer as mulheres no mercado de trabalho, como mais abaixo falo das creches no próprio ambiente de trabalho, mas não tem como trabalhar menos e ganhar igual.

É necessário eliminar o machismo da própria mentalidade da mulher que enxerga a sobrecarga do trabalho doméstico como sendo algo natural apenas para as mulheres, principalmente as mais humildes.

Para não correr o risco de ser mal interpretada segue um exemplo: uma empregada doméstica que trabalhou para mim uma vez me disse que não dava para ser caprichosa porque quando ela chegasse em casa ela teria que limpar a casa dela sozinha. Então ela não podia se cansar tanto. Ela tem um marido e dois filhos.

Nos países onde o IDG é reduzido a licença-maternidade é dividida por igual período entre a mãe e o pai. Nesses países as mulheres e as empresas tem um comportamento bem diferenciado em relação a “condição feminina”. E as atividades domésticas são divididas entre o homem e a mulher. Incluindo cuidar dos filhos.

Quando a licença-maternidade é dividida em igual período entre a mãe e o pai observa-se inúmeros benefícios para as mulheres, maridos e filhos.

Para as mulheres porque estaremos eliminando uma sobrecarga que permanece pelo resto da vida dos filhos em cima das mães. Um problema causado por esta lei sexista: o fato das crianças sempre chamarem pelas mães quando precisam de qualquer coisa, e não pelos pais.

No período de 6 meses da licença-maternidade, a grande maioria das mulheres conta com a ajuda da própria mãe para cuidar do bebê. Isso prova de que é necessário mais uma pessoa para ajudar. A solução erroneamente encontrada ainda é contar com o trabalho não remunerado de mais uma mulher e não do marido que quis e contribuiu 50% para fazer aquele filho.

Nesses primeiros marcantes 6 meses de vida do bebe é criado um vinculo muito forte entre o bebê e a mãe.

Simplemente porque é com ela que ele fica nos primeiros 6 meses de vida. E não por qualquer outra explicação de embasamento religioso ou biológico que se possa imaginar.

O problema é que esse comportamento segue pelo resto da vida dos filhos. Que vai requisitar a mãe sempre que precisam de qualquer coisa, sobrecarregando ainda mais a vida da mulher e não a do homem. Isto quer dizer que uma mulher sempre terá menos espaço em sua mente para o trabalho remunerado.

Na Alemanha, por exemplo, a lei é a seguinte: um ano de licença-maternidade para a mãe e um ano para o pai.

Sabemos que os motivos e a realidade dos dois países são bem diferentes, lá eles querem incentivar as pessoas a terem mais filhos, mas os resultados são tão surpreendentes que vale a pena explicar:

1. Os filhos não criam desde pequenos a ideia de que é obrigação da mulher criá-los. Isso será benéfico tanto para uma menina que não vai crescer achando que é responsabilidade dela cuidar sozinha dos filhos que tiver, quanto do menino que igualmente não vai se achar menos homem por se envolver na vida dos filhos.

2. Os filhos aprendem desde cedo que podem ter acesso fácil acesso e dialogo com ambos os pais.

3. E como explicam os pediatras, os homens que muito comumente sofrem pela predileção das crianças em ficar com a mãe, se sentindo deslocados, sem papel na criação dos filhos e com dificuldade de aproximação, não terão mais esse problema.

O ideal é que essa lei fosse de livre escolha dos casais. Se o casal quiser dividir o tempo ou não, é escolha deles. **As leis não podem ser sexistas.** Mas nesse caso fica o receio se os empregadores poderão vir a ameaçar os homens que optarem por esta divisão. Dai caímos numa lei que obriga o casal a dividir, o que pode ser um tanto traumático para uma sociedade acostumada ao sexismo.

Para ilustrar melhor esta questão descrevo abaixo um episódio verídico:

Andrea mãe de um menino de 10 meses diz que a pediatra aconselhou o seu marido a tomar cerveja quando a bebê preferisse ficar com a mãe, do que com ele.

Segundo a médica como quem cuidou do bebê nesse quase 1 ano foi a mãe, e o pai ia trabalhar todos os dias, ele se apegou a mãe, mais do que ao pai, então, hoje em dia, mesmo quando o casal esta junto cuidando do bebê, ele sempre quer a mãe e não ao pai.

A médica diz que muitos homens se sentem deslocados com isso e até sofrem com isso. Então o conselho dessa médica foi uma “pérola”, ela disse: “quando isso acontecer vai tomar uma cerveja”.

LEIS SEXISTAS CRIAM VIDAS E FAMÍLIAS SEXISTAS

O subtexto dessa médica simplesmente quis dizer: pai, continue sua vida como se nada tivesse acontecido, como se você não tivesse colocado um filho no mundo e deixe toda a responsabilidade desse ato para a sua mulher.

As mulheres tendem a achar que contribuem para com os homens quando aliviam as tarefas domésticas. Mas isso não é verdade. Quando a mulher conquista maior remuneração, o homem respira melhor. O fardo de sustentar

uma família é estressante e possibilitar condições para que a carga masculina se alivie é dar condições para formarmos famílias mais equilibradas e felizes.

Quando a mulher conquista condições financeiras melhores ela se torna mais feliz. Que homem não gostaria de ter uma mulher mais feliz dentro de casa?

Os filhos também se beneficiam com essa mudança da mãe pois não irão crescer num ambiente de estresse e brigas.

Além disso, os filhos absorvem negativamente o comportamento da “natural” separação dos trabalhos femininos e masculinos. O que influencia suas escolhas profissionais.

Outro ponto muito importante: existe também o caso das mães que gostariam de amamentar e continuar trabalhando. Para elas se faz necessário uma creche próxima ao local de trabalho, com horários compatíveis ao seu. Mas porque o próprio local de trabalho não oferece um local para os filhos?

Se uma mulher pode ganhar menos e ser menos reconhecida porque precisa sair mais cedo para pegar o filho na creche, porque não se propõe que todas as empresas tenham creches? Como se fosse um ambiente tão comum quanto um banheiro?

Precisamos urgentemente começar a fazer leis para homens e mulheres!

Um país se desenvolve mais facilmente quando todos os cidadãos podem contribuir ativamente. Para isso, todos precisam ter as mesmas oportunidades. Este é o caso da grande maioria dos países que implantam em suas leis medidas para corrigir o problema.

As leis atuais no Brasil empurram as mulheres a um local específico. E isso precisa ser corrigido.

4. Viabilizar rendimentos compatíveis com estudos, atividades domésticas e outras atividades

Uma medida paliativa, mas necessária.

Hoje, no Brasil, um trabalho de 6 horas/dia é considerado meio período. A meta aqui é reduzir 8 horas (período inteiro) para realmente metade, isto é 4 horas.

Para que isso se torne possível, os encargos trabalhistas pagos pelos empregadores por um empregado que trabalha 8 horas por dia deverá equivaler exatamente ao dobro dos pagos por um empregado que trabalhe 4 horas, possibilitando ao empregador e ao empregado a escolha da jornada de trabalho.

Justificativa: trabalharemos com medidas que diminuam o trabalho doméstico das mulheres e também com medidas que possibilitem o rendimento salarial de homens e mulheres que necessitem de tempo para realizar outras tarefas. Como atividades profissionais que necessitem de tempo para complementar seus estudos. Profissionais que ainda não conseguiram rendimentos suficientes na área escolhida e precisam realizar atividades paralelas para se manter.

Nelize Chaenier é autora deste projeto e autora do blog **Escolha um Caminho Sem Sexismo**, com dezenas de traduções inéditas para o português de grandes mulheres do passado e do presente:

<http://escolhaumcaminhosemsexismo.blogspot.com.br/p/grandes-mulheres-do-passado.html>

Contatos: mrh930@gmail.com / mesquitaeribeiro@gmail.com